

**NADA TEMOS DE NOSSO: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE O CINEMA DE MIGUEL GONÇALVES MENDES**

Helena Brandão¹

Resumo: Ainda que Miguel Gonçalves Mendes seja reconhecido por documentários como *José e Pilar* e *Autografia*, um estudo mais aprofundado da sua filmografia permite-nos enveredar por variações ficcionais, experimentais, apontamentos de animação, séries televisivas, instalações e *videoclipes*. Na relação com as outras artes, a literatura impõe-se como fio condutor de algumas das suas principais obras, mas o realizador não descarta a música, a fotografia e até as artes plásticas, não se privando também de desenvolver o seu trabalho um pouco por todo o mundo, apostando numa forte estratégia de coproduções internacionais, sem que isso implique, no entanto, um desvio na busca de uma identidade. Trabalhando sempre através da sua própria produtora, a Jumpcut, Miguel Gonçalves Mendes aprendeu, desde cedo, a dar vida à sua obra para além do filme em si: lançamentos de livros alusivos, estratégias publicitárias simples mas imaginativas, visionamentos de versões longas dos filmes, mostras integrais da sua obra, presença em sessões comuns para o público, financiamento via *crowdfunding* dando contrapartidas aos investidores e, mais recentemente a disponibilidade total da sua obra *on-line*. Em tempos em que pouco ou “nada temos de nosso” (título adaptado de um dos últimos trabalhos do realizador) apresenta-se como pertinente o estudo deste caso proativo e promissor para a História do Cinema Português.

Palavras-chave: Cinema português contemporâneo.

Contacto: helenamorganhobrandao@gmail.com

*Eu quero uma revolução, eu quero que o mundo mude,
mas depois de uma revolução, o que acontecerá a seguir?*
Lolita Hu, *Nada Tenho de Meu*

A escolha para estudo de caso, não de uma obra mas de uma filmografia, levanta algumas dificuldades, no sentido em que nos impede de, neste contexto específico, dedicar a atenção desejável a cada um dos filmes que compõem o vasto conjunto do trabalho de um realizador. No entanto, esta opção apresenta vantagens que se sobrepõem a este obstáculo: a análise de uma coleção de obras torna possível perceber padrões, recorrências, regularidades nos modos de produção, na opção por determinados géneros cinematográficos, na predominância de temáticas transversais a uma filmografia, através das

¹ Doutoranda em Estudos Artísticos – Estudo do Cinema e Audiovisual na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Brandão, Helena. 2016. “Nada temos de nosso: um estudo de caso sobre o cinema de Miguel Gonçalves Mendes”. In *Atas do V Encontro Anual da AIM*, editado por Sofia Sampaio, Filipe Reis e Gonçalo Mota, 221-231. Lisboa: AIM. ISBN 978-989-98215-4-5.

individualidades de cada filme. É isso que aqui procuramos no trabalho de Miguel Gonçalves Mendes.

Assim, dadas as circunstâncias, o objetivo de não hierarquizar os filmes, fosse por duração, género ou notoriedade, apresentando-os apenas de forma cronológica, teve de ser adaptado a uma seleção que deixa de fora instalações, *videoclipes*, filmes publicitários e até um episódio produzido para uma série documental no Brasil. Não porque possam ser considerados «filmes menores» ou não lhes deva ser dada a devida importância. Aliás, grande parte desses objetos fílmicos aqui proscritos contribui com muita informação quer sobre as relações entre as obras, quer sobre os próprios métodos de trabalho do realizador, pelo que alguns deles serão aqui mencionados, ainda que superficialmente, a propósito de outros filmes, por estarem intimamente relacionados com eles.

Começaremos então a viagem possível pela obra de Miguel Gonçalves Mendes com *D. Nieves* (2002). Este não foi o primeiro filme a ser rodado pelo realizador: o primeiro foi *A Batalha dos Três Reis*. No entanto, este último só é dado como terminado em 2005, por motivos que posteriormente se explicarão. Optou-se portanto por respeitar a ordem cronológica sugerida pelo realizador.

Logo a partir deste primeiro caso é possível recolher um manancial enorme de informação que nos permitirá mais adiante perceber a consistência da obra deste cineasta como um todo: a questão da nacionalidade, da identidade e da internacionalização do seu cinema - trata-se de um filme sobre a Galiza; a força das personagens, de tal modo que em alguns casos, o nome dos filmes coincide com o dessas personagens, como em *Floripes* ou *José e Pilar*. Noutros filmes, como *Autografia* e *Curso de Silêncio*, são reiterados títulos de obras dos autores-personagem em questão. Trata-se de um cinema que nos faz pensar. No caso de *D. Nieves*, somos levados a refletir sobre questões tão profundas como a identidade, as fronteiras, o amor, a morte ou a passagem do tempo. Temas como estes irão marcar definitivamente a filmografia do realizador. Desde este primeiro filme destaca-se também a atenção que o autor irá dedicar às outras artes na sua relação com o cinema. A literatura é a referência mais óbvia, por ter trabalhado sobre e com diversos escritores,

como Cesariny, Saramago, Maria Gabriela Llansol ou Valter Hugo Mãe. No caso particular de *D. Nieves* podemos salientar a importância da música e da fotografia.

Com *Autografia* (2004), o realizador começa a desenvolver uma estratégia que se prende com o lançamento de produtos ou realização de eventos paralelos ao filme, ou seja, toda uma habilidade para dar vida às obras para além delas próprias, que simultaneamente promove os filmes, a montante e a jusante da estreia, prolongando-lhe a vida para lá da ditadura da exibição nas salas de cinema. Especificamente em relação a *Autografia* podemos referir os exemplos da exposição fotográfica de Susana Paiva, que acompanhou a estreia comercial do filme, e do lançamento do livro *Verso de Autografia*, onde o realizador dá a conhecer ao público as conversas com Mário Cesariny que não “couberam” no documentário, que demorou três anos a ser feito. Das imagens filmadas durante a rodagem de *Autografia*, resulta também mais tarde *Poema colagem - Homenagem a Mário Cesariny*, que mostra como para Miguel Gonçalves Mendes a linguagem experimental e do documentário lhe são naturalmente familiares e próximas entre si.

Quanto à *Batalha dos Três Reis*, o pormenor mais importante talvez seja mesmo o aviso que o próprio realizador nos faz logo de início, antes mesmo de qualquer genérico ou plano.



Imagem 1: *A Batalha dos Três Reis* (Miguel Gonçalves Mendes, 2005)

A acrescentar a esta advertência, que em si própria e na sua brevidade incorpora questões tão complexas como o financiamento, as condições de produção, a montagem e a própria relação, interpelação ou mesmo provocação que o realizador estabelece com o espetador, apenas mais três apontamentos: o cuidado com a música – a banda sonora original é do Rodrigo Leão; as referências históricas – a Batalha dos Três Reis é outro nome dado à Batalha de Alcácer-Quibir e o mito do Sebastianismo habita o filme do princípio ao fim; a cena final: um exercício de meta-cinema, em que, quando as luzes das ruínas do Convento do Carmo se vão apagando, se deixa ver cada vez melhor, um ecrã minúsculo, pela distância que o separa da câmara, que nada projeta a não ser luz, mas que inevitavelmente acaba também ele por se apagar.

Sob outras formas, Miguel Gonçalves Mendes continuará a recorrer a apontamentos subliminares como este, parecendo procurar lembrar-nos e fazer-nos pensar constantemente sobre a própria identidade cinematográfica, como sucede, por exemplo, em *Segunda-Feira* ou *Nada Tenho de Meu*.

Já em *Floripes (ou a morte de um mito)* o autor opta por recuperar uma lenda da terra onde cresceu, Olhão, utilizando-a como pretexto para trabalhar aquele espaço, os seus mitos, medos e realidades que a passagem do tempo ameaça com o esquecimento. Devido ao prazo imposto para a entrega do filme, Miguel Gonçalves Mendes apresentou inicialmente, em 2005, a versão possível, mais próxima do documentário, *Floripes ou a morte de um mito*. Mas não era esse o filme que tinha escrito e filmado: nove meses de montagem depois termina então *Floripes* (simplesmente), um objeto híbrido entre a ficção e o documentário que só viria a estrear em 2007. Ambas as versões se caracterizam pela multiplicidade de texturas: o autor funde imagens de arquivo e fotografias (na primeira versão), vestígios de animação (no genérico inicial da segunda versão) e planos fotográficos; na mistura sonora sobrepõem-se camadas ora de som direto, ora dobrado, complementados por uma banda sonora que inclui os sinos da igreja, tambores, cantos tradicionais e religiosos. A própria descrição de *Floripes* pelas personagens é polifónica.

Além do mais, Miguel Gonçalves Mendes conseguiu pôr uma comunidade inteira a trabalhar para o filme: atores, estagiários, a banda sonora e até a banda

desenhada do genérico envolveram habitantes da região. Isso não só contribuiu para a redução dos custos de produção, como permitiu que a aposta da estreia no Algarve (e não na capital, como é hábito), se tornasse num caso exemplar de sucesso de bilheteira, com sessões esgotadas em Olhão e Faro durante cerca de quinze dias.

Em 2007 surge também *Curso de Silêncio*, um projeto que se debruça sobre o universo criado pela escritora Maria Gabriela Llansol. Após um processo de escrita e rodagem em comum, Miguel Gonçalves Mendes e Vera Mantero optaram por apresentar duas versões distintas, com o mesmo título, inspirado no livro *Amigo e Amiga – curso de silêncio de 2004*. Trata-se de um poema visual avesso à narrativa canónica, tal como a própria escritora, hermético e provocador para o espetador, exigindo dele que pense necessariamente mais longe do que aquilo que está a ver ou a ler. A título de curiosidade, este filme incorpora também um plano que corresponde a *Dedicated to the one I love*, uma das instalações do realizador.

Segunda-Feira (2008) inscreve-se no projeto “Diagnóstico”, em que a produtora Jumpcut convidou quatro realizadores para fazerem cada um deles uma obra, partindo de uma premissa comum – a doença – e de alguns pressupostos que teriam de respeitar: os filmes deveriam ser rodados e editados em 24 horas, todos teriam como cenário o interior de uma mesma casa, mas esta não deveria ser reconhecível de filme para filme e os argumentos teriam de ser adaptados aos meios disponíveis, uma vez que se tratava de um projeto de baixo orçamento.

Todavia, o mais importante a destacar a propósito de *Segunda-Feira* será a invocação do filme *O Desprezo*, de Jean-Luc Godard (1963), e a forma como essa apropriação é feita: na sinopse do filme e na sequência inicial, em que ouvimos o *trailer* de *O Desprezo*; na utilização do tema “Camille”, de Georges Delerue, não de forma gratuita mas integrada na própria narrativa; no final aberto – nos dois filmes ficamos sem saber se a personagem morre ou não; e em pormenores como as repetições, gestão dos silêncios, ou a luz. Assim, Miguel Gonçalves Mendes faz também desta obra uma reflexão sobre a Sétima Arte e a sua História.

Em relação a *José e Pilar*, coproduzido pela O2 de Fernando Meirelles, no Brasil, e a *El Deseo* dos irmãos Almodóvar, em Espanha, além de todo o mérito do filme em si, importa sublinhar a forma como foi promovido, com particular destaque para um conjunto de estratégias de comunicação muito originais que terão contribuído para que a obra tivesse o sucesso que teve - esteve quatro meses em cartaz, o que foi inédito para um documentário em Portugal. A cronologia deste filme começa em setembro de 2010, com a antestreia mundial no Festival do Rio de Janeiro e só termina em fevereiro de 2012 com a versão *director's cut* (com cinco horas). Pelo meio distribuíram-se folhetos em manifestações, foram lançados pacotes de açúcar e o vinho da marca *José e Pilar*, fizeram-se concertos com a banda sonora, organizou-se uma petição pública para o filme ser o candidato português aos Óscares, surgiu o livro *Conversas Inéditas* e até foi feita uma intervenção de arte urbana em Lisboa, junto à Fundação José Saramago, que até hoje resiste.



Imagem 2: Intervenção de arte urbana.



Imagem 3: Intervenção de arte urbana – pormenores.

Nuno Artur Silva descreve *Nada tenho de Meu* como um óvni, “um objeto visual não identificado” (Silva, 2013). Trata-se de uma série televisiva, mas também de um filme e de um livro. Quais são, então, as premissas deste objeto? Um asteroide chamado «Portugal 3933» está em rota de colisão com a Terra. O sentido de humor irónico do realizador faz com que o filme termine com um noticiário em que se anuncia “Finalmente, com a ajuda de toda a comunidade internacional, Portugal foi destruído”. Miguel Gonçalves Mendes e os escritores brasileiros Tatiana Salem Levy e João Paulo Cuenca encontram-se no Festival Literário de Macau e partem para uma viagem pelo Oriente: Macau, Hong Kong, Vietname, Camboja e Tailândia. São a três personagens principais do filme e simultaneamente coautores do projeto. A inspiração vem dos diários de viagens do século XIX. O título do filme baseia-se numa carta de Camilo Pessanha, em que ele escreve: “Quem me dera poder ir acudir a todas essas tristes coisas. E em redor de mim toda esta estupidez. Escreva-me, escreva-me, porque, além das suas cartas, nada tenho de meu” (Pessanha 1894). O filme é falado em três línguas: português (com sotaque nacional e do Brasil), inglês (a escritora Lolita Hu) e mandarim (a omnipresente voz do narrador).

Nada Tenho De Meu, sendo um estudo filosófico, demora mais tempo a fazer perguntas do que a respondê-las (e no fim, não temos bem a certeza se alguma coisa foi respondida, mas esse não é o propósito da viagem). Aqui, o que é importante é que o espectador se reveja e identifique nestas dúvidas

existenciais através dos pontos de contacto com a realidade. Questionando-se, os autores estão na verdade a questionar o espectador e a desafiá-lo a fazer também a sua busca, despindo-se até ao essencial. Em termos visuais, a série é absolutamente irrepreensível. Das imagens de arquivo, imagens captadas de forma amadora ou exigentes planos conceptuais, tudo ajuda à incerteza do espectador, e é “amarrado” com um trabalho gráfico que lhe dá consistência e unidade. A sua opção pelo áudio bilingue ajuda a dar-lhe profundidade na narrativa, acentuando a distância à nossa realidade e confirmando as incertezas dos protagonistas” (Afonso 2014).

Finalmente, em relação ao *Sentido da Vida*, o filme que o realizador está a rodar neste momento, poderíamos extrapolar sobre a personagem central e a sua doença, sobre as outras sete personagens, as viagens ou a inspiração do título do filme nos Monty Pyton. Na impossibilidade de, neste contexto, aludir a tantos pormenores, será pertinente destacar a questão do financiamento coletivo, que Miguel Gonçalves Mendes vê como “um contrato quase poético firmado entre o criador e aqueles que querem ver a sua obra” (Mendes 2012, 42-43). Para além das mensagens ou chamadas de valor acrescentado, podemos ganhar um *frame* autografado, comprar antecipadamente o DVD, ter o nosso retrato dentro do filme ou mesmo tornarmo-nos coprodutores, mediante o capital que estejamos dispostos a investir. Haverá também um concurso para o cartaz oficial do filme e de músicas para integrarem a banda sonora.

O realizador tem partilhado com o público todo o processo de pré-produção e tem feito um trabalho inédito junto da imprensa. Em rubricas de cinema televisivas, como o *Cinebox* e outras, vão sendo tornados públicos os diários da rodagem, que também podem ser vistos em plataformas como o *Facebook* ou *Vimeo*. É possível ver também *online* depoimentos de figuras públicas como Pilar del Rio, Nuno Markl, Nuno Artur Silva ou do próprio realizador, sobre o que é para eles o sentido da vida.

Esperando que neste périplo quase telegráfico sobre a filmografia de Miguel Gonçalves Mendes tenha conseguido sugerir não só as recorrências, como algumas inovações no seu trabalho, será pertinente concluir apontando algumas marcas da sua estética que se destacam: os seus filmes constituem

obras híbridas no que respeita os géneros cinematográficos; evidenciam uma multiplicidade de texturas que se manifesta pela contaminação de outras artes, pelos tipos de plano e pelo tratamento do som, pela mistura de imagens de arquivo com filmagens contemporânea; é frequente a autorreferencialidade cinematográfica ou, se preferirmos, apontamentos de meta-cinema; a importância das personagens e dos lugares; a morte, ou pelo menos o fim de alguma coisa, como tema recorrente – e a conseqüente necessidade de preservar uma memória; o sentido de humor e, associado a ele, a ideia de jogo e provocação com o público.

O Miguel, que não tem qualquer problema em saltar para dentro dos seus próprios filmes, nu ou a chorar, continuará a surpreender-nos e já conquistou o seu lugar na História do Cinema Português, pelo que se justificam plenamente as palavras de João Antunes a propósito do filme *Floripes*:

O cinema português vive desde há algum tempo num período de charneira (...). Inevitavelmente preso às contingências de mercado e a um histórico que não lhe é muito favorável, a emergência de novas formas e fontes de financiamento e a democratização dos métodos de produção proporcionada pelas novas tecnologias oferecem uma possibilidade aos cineastas, dos que agora começam aos consagrados, que estes só têm de aproveitar, sob pena de perder a razão no momento de se queixarem. (Antunes 2007)

BIBLIOGRAFIA

- Afonso, Pedro. 2014. “Nada Tenho De Meu” – A Utopia da Liberdade” Laxante Cultural, 24 de fevereiro. Acedido em 20 de Maio de 2015. <http://www.laxantecultural.com/nada-tenho-de-meu-a-utopia-da-liberdade/>.
- Antunes, João. 2007. “Partir da margem para o imaginário”, Jornal de Notícias, 20 de outubro. Acedido em 15 de Julho de 2015. http://www.jumpcut.pt/floripes_imp_2.html.
- Cuenca, João Paulo, Mendes, Miguel Gonçalves e Levy, Adriana Salem. 2013. Nada tenho de meu – diário de viagem ao extremo oriente. Lisboa: Jumpcut.
- Llansol, Maria Gabriela. 2005. Amigo e Amiga – curso de silêncio de 2004, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Mendes, Miguel Gonçalves, ed. 2004. Verso de Autografia – Mário Cesariny. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Mendes, Miguel Gonçalves. 2011. José e Pilar – conversas inéditas. Lisboa: Quetzal.

- Mendes, Miguel Gonçalves. 2012. “A crise, a criação e o financiamento coletivo”, *Expresso – Atual* 42-43, 18 de Agosto. Acedido em 14 de julho de 2015. http://www.mgm.org.pt/press/Actual_Expresso_18-08-2012.pdf.
- Silva, Nuno Artur. 2013. Lançamento do livro *Nada Tenho de Meu*, na FNAC do Chiado (Lisboa), 8 de dezembro. Acedido a 14 de julho de 2015. <https://www.youtube.com/watch?v=sYLATyR4CYc&feature=youtu.be>.
- Pessanha, Camilo. 1894. In *Clepsidra*, de Camilo Pessanha (1867-1926) e o movimento do Decadentismo e Simbolismo em Portugal, J.G. Elzenga, 70. [dSPACE.library.uu.nl/bitstream/handle/1874/36479/Clepsidra7.doc?...3](https://www.dspace.library.uu.nl/bitstream/handle/1874/36479/Clepsidra7.doc?...3), acedido em 20 de maio de 2015.

FILMOGRAFIA

- Le mépris*. Realização: Jean-Luc Godard. 1963. Ficção, 103', cor. França, Itália. Produção: Les Films Concordia/ Rome Paris Films/ Compagnia Cinematografica Champion (co-produção). Produtores: Georges de Beauregard, Carlo Ponti. Argumento: Alberto Moravia. Fotografia: Raoul Coutard. Montagem: Agnès Guillemot. Música: Georges Delerue. Elenco: Brigitte Bardot, Jack Palance, Michel Piccoli.
- D. Nieves*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2002. Documentário, 27', cor. Portugal. Produção: Jumpcut, Projeto Kairos. Fotografia: Telmo Churro, Susana Paiva. Montagem: Pedro Marques.
- Autografia*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2004. Documentário, 103', cor. Portugal. Produção: Jumpcut. Fotografia: Cláudia Oliveira, Dino Estrelinha, Hugo Azevedo, Hugo Coelho, Leonardo Simões, Miguel Gonçalves Mendes, Nina Alves, Susana Nunes. Montagem: Maria Joana Figueiredo. Com: Mário Cesariny de Vasconcelos.
- A batalha dos três reis*. Realização e Argumento: Miguel Gonçalves Mendes. 2005. Ficção, 42', cor. Portugal. Produção: Jumpcut. Fotografia: Andreia Bertini, Leonardo Simões. Montagem: Pedro Marques, Cláudia Rita Oliveira. BSO: Rodrigo Leão. Elenco: Paulo Pinto, Rita Loureiro, João Cabral.
- Floripes ou a morte de um mito/Floripes*. Realização e Argumento: Miguel Gonçalves Mendes. 2005/2007. Ficção/Documentário, 67/87', cor. Portugal. Produção: Jumpcut. Fotografia: Daniel Neves. Montagem: Cláudia Rita Oliveira, Patrícia Saramago. Música: Paulo Machado. Elenco: Catarina Barros, João Salero, João Sancho, Selma Cifka.
- Dedicated to the one I love*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2007. Experimental, 1', cor. Portugal. Produção: Jumpcut. Fotografia: Daniel Neves. Montagem: Cláudia Oliveira, João Salavisa. Música: The Mamas and the Papas – *Dedicated to the one I love*.
- Azinhaça*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2007. Experimental, 7', p&b/cor. Portugal. Produção: Jumpcut.
- Curso de Silêncio*. Realização e Argumento. Miguel Gonçalves Mendes (e Vera Mantero). 2007. Experimental, 35', cor. Portugal. Produção: Rumo do Fumo/Jumpcut. Fotografia: Edmundo Diaz. Montagem: Cláudia Rita

- Oliveira Elenco: Vera Mantero, Ariana Maia, Iuri Peres, Rafael Bouça Nova, Raquel Pinto, Rodrigo Laranjeira, Telma Cruz.
- Zarco*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2008. Experimental, 5', cor. Portugal. Produção: Jumpcut. Fotografia: Daniel Neves. Montagem: Cláudia Oliveira, Patrick Mendes. BSO: Pedro Gonçalves.
- Segunda-feira*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2008 Ficção, 12', cor. Portugal. Produção: Jumpcut. Co-produtores: Cláudia Rita Oliveira, Miguel Gonçalves Mendes, Patrick dos Santos Mendes, Pedro Filipe Marques. Fotografia: Daniel Neves. Montagem: Cláudia Rita Oliveira. Música: Georges Delerue. Elenco: Marisa Salvador.
- O caminho de Salomão*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2009. Publicidade, 3'31", cor. Portugal. Produção: Jumpcut para a Fundação José Saramago.
- José e Pilar*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2010. Documentário, 125', p&b/cor. Portugal, Espanha, Brasil. Produção: Jumpcut. Co-produção: El Deseo, O2 Filmes. Produtores: Agustín Almodóvar, Bel Berlinck, Esther García, Fernando Meirelles, Miguel Gonçalves Mendes. Fotografia: Daniel Neves. Montagem: Cláudia Rita Oliveira. BSO: Adriana Calcanhoto, Bruno Palazzo, Pedro Granato, Camané, José Mário Branco, Luís Cília, Noiserv, Pedro Gonçalves. Com: José Saramago e Pilar del Rio.
- Poema colagem - Homenagem a Mário Cesariny*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2010. Experimental, 16'26'', cor. Portugal. Produção: Jumpcut. Fotografia: Cláudia Oliveira, Dino Estrelinha, Hugo Azevedo, Hugo Coelho, Leonardo Simões, Miguel Gonçalves Mendes, Nina Alves, Susana Nunes. Montagem: António Gonçalves. BSO: Joaquim Pavão. Com: Mário Cesariny de Vasconcelos.
- Blecaute*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2011. Videoclip, 4', cor. Portugal/ Brasil. Produção: Jumpcut. Música de Pedro Granato.
- Palco do tempo*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2011. Videoclip, 2'25", cor. Portugal. Produção: Jumpcut. Música de Noiserv.
- Lifecycle*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2011. Publicidade, 4', cor. Portugal. Produção: Jumpcut para a Câmara Municipal de Aveiro.
- Lisboa – Palavras para uma cidade*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2012. Experimental, 6'25", p&b/cor. Portugal. Produção: Jumpcut. Produtor: Daniela Siragusa. Fotografia: Daniel Neves. Montagem: Nuno Cardoso.
- Educação*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2013. Documentário, 40', cor. Brasil. Produção: O2 Filmes, Fox International Channels. Produtores: Bel Berlinck e Fernando Meirelles. Argumento: Stela Grisetti, Carolina Guidetti. Fotografia: Hugo Takeuchi. Montagem: Gustavo Ribeiro. BSO: Marcos Azambujo, Beto Montalvão. Episódio incluído na série "A verdade de cada um".
- Deixa-me ir* Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2013. Videoclip, 4', cor. Portugal. Produção: Jumpcut. Música de Márcia.
- Nada tenho de meu*. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. 2013. Ficção/Documentário, 50' (11x8'+/-), p&b/cor. Portugal, Brasil. Produção: Jumpcut. Produtor: Daniela Siragusa. Argumento: João Paulo Cuenca, Tatiana Salem Levy, Miguel Gonçalves Mendes. Montagem:

Pedro Sousa. Música: Pedro Gonçalves, Dead Combo, Lavoisier, Linda Martini, Noiserv. Elenco: João Paulo Cuenca, Tatiana Salem Levy, Miguel Gonçalves Mendes, Lolita Hu, Ivo Ferreira, Margarida Vila-Nova.

O Sentido da vida. Realização e Argumento: Miguel Gonçalves Mendes. Em rodagem. Ficção/Documentário. Portugal, Brasil. Produção: Jumpcut, O2 Filmes. Com: Giovane de Sena Brisotto, Valter Hugo Mãe, Emi Wada, Baltasar Garzón, Hilmar Örn Hilmarsson, Andreas Morgensen, Chris Reynolds Gordon.

WEBGRAFIA

<http://www.mgm.org.pt/>

<http://www.jumpcut.pt/>

<http://sentidodavida.cinema.sapo.pt/>

<http://osentidodavida.com/APOIE-ESTE-FILME>

<https://www.facebook.com/sentidodavidameaningoflife>

<https://vimeo.com/119007007>